



Judaísmo na Amazônia, espaço fronteiroço da cultura e costumes Sefaraditas¹

Judaism in the Amazon, a Frontier Space of the Sephardic Culture and Customs

Silvia Helena Benchimol-Barros*

Universidade Federal do Pará (UFPA) | Belém do Pará, Brasil

sbenchimol@ufpa.br

Resumo: Este estudo aborda a realidade dos judeus sefaraditas na Amazônia brasileira sob a perspectiva da preservação dos costumes imanados da religião em nova ambiência, motivada pelo movimento diaspórico. Inserem-se nas análises, o conceito de tradução cultural e a noção de entre-lugar. Faz-se presente breve retrospectiva histórica dos deslocamentos populacionais provocadores das ressignificações decorrentes do processo de imigração e dos contatos interculturais. Como aportes teóricos, adota-se os estudos de Bhabha (1990, 2007); Derrida (2002); Buden e Nowotny (2009) sobre tradução e desconstrução; e Benchimol (1998) e Heller (2010) nos trabalhos sobre os judeus sefaraditas na Amazônia, entre outros. As reflexões resultantes nos levam à percepção de um dualismo que contrapõe essencialismo vs. hibridismo – evidentes, respectivamente nas práticas religiosas e nos costumes judaicos que se justificam pelos fatores motivadores: sobrevivência e resistência.

Palavras-chave: Tradução. Costumes. Espaço.

Abstract: This study approaches the reality of Sephardic Jews in the Brazilian Amazon from the perspective of the preservation of customs emanating from religion in a new environment and motivated by the diasporic movement. Included in the analyses is the concept of cultural translation and the notion of in-between place. The study presents a brief historical retrospective of populational displacements which provoked resignifications resulting from the immigration process and intercultural contacts. As theoretical contributions, we have adopted the studies produced by Bhabha (1990, 2007); Derrida (2002); Buden and Nowotny (2009) on translation; and deconstruction and Benchimol's (1998) and Heller's (2010) works on Sephardic Jews in the Amazon, among others. The reflections ensued lead us to the perception of a dualism that opposes essentialism vs. hybridism – evident, respectively, in religious practices and Jewish customs that are justified by the motivational factors: survival and resistance.

Keyword: Translation. Customs. Frontier.

¹ Este artigo é uma versão com atualizações do capítulo “Tradução cultural, religião e costumes judaicos na Amazônia Brasileira: essencialismo e hibridismo sefaraditas”, publicado em BENCHIMOL-BARROS; SILVA, 2020. p. 157-169.

* Doutora em Tradução e Terminologia pelas Universidade de Aveiro (UA) e Nova de Lisboa (UNL) e Professora da Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal do Pará (UFPA).



Introdução

Este estudo reúne referências conceituais de diferentes áreas do conhecimento, as quais se entrelaçam organicamente quando se pensa o universo do judaico e sua trajetória histórica marcada pelos deslocamentos motivados por perseguições, discriminações, expropriações e buscas por espaços legitimados. Das matrizes das diversas religiões existentes no mundo e de suas cosmogonias, naturalmente, emanam os princípios éticos e costumes que irão reger as condutas humanas daqueles que as adotam com vigor, não raro, capaz de transcender a própria lógica científica, o pensamento racional.

Embora orbitando sobre eixos moralmente comuns, os costumes, símbolos e celebrações inerentes a estes conjuntos de sistemas culturais e crenças podem se tornar exótico de forma surpreendente, traçando e robustecendo barreiras de intolerância e atitudes radicalistas. Neste texto, nos debruçamos sobre o processo de tradução cultural responsável pela resiliência dos costumes sefaraditas confrontados com os transportes, ressignificações e inserções político-culturais.

No universo do judaísmo, bipartido nos segmentos asquenazi e sefardi por referências geográficas à priori – alemão e hispânico – os costumes, os quais distribuem-se em um contínuo com os extremos da ultraortodoxia e reformismo, exercem a força e do dogma criando ritos reveladores de identidades bastante distintas. Neste sentido a religião para além da essência doutrinal, materializa-se como cultura, como criação humana e como processo social nas interações por meio dos costumes com sua verve local, simbolicamente transportável, isto é, traduzível em outros contextos.

A religião judaica, reverenciada como a primeira religião monoteísta no mundo, tem sua complexa tessitura permeada por eventos históricos contundentes, onde o Holocausto recrudescer como principal memória, indelével para os judeus e para o mundo. O impacto destes fatos bem como os reflexos das fugas e peregrinações sobre os costumes que regem o comportamento judeu na prática de sua fé, justificam reivindicarmos, à partida, considerações de natureza conceitual sobre a tradução cultural que a revelem como sustentação efetiva para a compreensão dos processos de assimilação, e resistência judaica e seus costumes no contexto sociocultural amazônico.

A abrangência e diversificação na utilização do termo tradução cultural e as críticas à sua “fragilidade” epistemológica suscitam alguns questionamentos que aqui apontamos e os quais atuam, simultaneamente, como direcionadores de nossas reflexões e indicadores do caminho a percorrer no desenvolvimento deste texto. A saber: 1) O que seria a tradução cultural considerando-se a situação dos judeus imigrantes e seus costumes? 2) Quais especificidades traçariam a fronteira entre fatores culturais da tradução e a tradução cultural?



Ao tentar responder a essas questões que têm entre si grande interdependência, nos propomos a refletir sobre o judaísmo sefaradita na Amazônia fazendo uma breve incursão histórica sobre a chegada deste grupo de imigrantes nessa região, e considerando o judaísmo ali praticado como resultante de interações interculturais e da necessidade de ressignificação de alguma de suas práticas, ou de adaptações assimilativas que justificassem a sua sobrevivência e os laços com suas simbologias e ritos originais². Para além de questões conceituais sobre a tradução cultural, *per se*, a compreensão do que seria o entre-lugar,³ pensamentos construídos nos espaços das fronteiras e assimilação no contexto das levas imigratórias⁴ se fazem necessárias quando se trata da religião judaica – um universo de ricas simbologias que sobrevivem às pressões exógenas de toda sorte. Ressaltamos, no entanto, que dada a envergadura e capilaridade da temática deste artigo, delimitaremos o seu recorte visando centralmente identificar a tradução cultural na forma como os costumes do judeu sefaradita se estabeleceram e resistem no contexto amazônico, a partir da compreensão de que tais costumes expressam a resistência dos judeus em manter vivos não apenas a religião, no sentido mais peremptório, mas todos os comportamentos que corroboram a filosofia e cultura do “ser judeu”.

1 Dispersão sefaradita e contatos interculturais

É chamado sefaradita (sefaradim), um grupo de judeus com identidade e cultura diferenciadas⁵ de ascendência espanhola.⁶ É judeu sefaradita, aquele que teve na Espanha (Sefarad) seus predecessores e que, posteriormente, por efeito das forças centrífugas de motivações político-religiosas e persecutórias espalharam-se pelo mundo, incluindo o Brasil, fazendo valer a bula “*Exigit sinceræ devotionis affectus*” e a nova Inquisição Espanhola a partir de 1478.

De acordo com o site do Beit Chabad sobre as diferenças das comunidades judaicas:

As diferenças de costumes entre as comunidades ashkenazi e sefaradi tem origem nas discussões de *Halachá* entre os rabinos das diferentes regiões, e algumas influências da cultura externa. [...] O Shulchan Aruch, escrito por Rav Yossef Karo, foi quem

² BENCHIMOL, 1998; HELLER, 2010.

³ BHABHA, 2007.

⁴ ALBA; NEE, 2005

⁵ Diferentes daquelas dos judeus asquenazitas originados das regiões central e leste da Europa, cujos costumes são bem distintos: língua, culinária, indumentária, rituais religiosos.

⁶ Sefarad é a designação em hebraico da região onde hoje localiza-se a Espanha. Logo, judeus sefaraditas viviam nos continentes africano e asiático e seus descendentes.



definiu a lei judaica para os sefaradim. Mais tarde, o Rav Moshe Israelish, descreveu qual é a *Halacha* para os ashkenazim.⁷

O cenário europeu era então marcado pela ascensão imperiosa da igreja que à medida que esta se propagava plenamente investida de poder e autoridade na inquisição moderna, deixava aos “hereges” sefaraditas nas regiões da Península Ibérica como únicas opções: a completa obliteração de sua natureza judia; o mascaramento dessa identidade e a conseqüente conversão (o que fez surgir os cristãos-novos); ou a fuga para outros locais onde pudessem praticar o judaísmo com relativa liberdade.

Mattoso citado por Rosa afirma:

A Inquisição surgiu na Espanha por ocasião da intolerância religiosa em relação aos judeus, os quais não seguiam a fé católica. Entretanto, “a existência dos judeus na Península Hispânica era muito antiga. Teriam, talvez, vindo para a península com as expedições fenícias, atraídos pela fama das riquezas peninsulares, seduzidos pelos lucros dos negócios comerciais”.⁸

Segundo Mattoso, era evidente não somente a repulsa aos costumes não cristãos como o perigo que os judeus representavam no sentido da subversão das almeçadas unidades política e religiosa.

Considerando a terceira hipótese, que deflagrava com vigor o movimento diaspórico, um destes destinos de refúgio para a perseguição antissemita foi o Marrocos no norte da África, de onde, posteriormente, em busca de oportunidades de sobrevivência e trabalho, judeus imigraram para o norte brasileiro nas primeiras décadas do século XIX. É esta realidade imigrante que potencializa a emergência de correspondências simbólicas e substancia a resistência⁹ como resultado do contato com outras culturas em outras localidades.

Afirma Cascudo

[...] uma cultura específica pode sofrer variantes que são determinadas por fatores diversos como encontros com outras culturas, fatores climáticos, geográficos ao longo do tempo [...] é bem possível que uma cultura modifique uma cerimônia, um aspecto da organização administrativa, uma técnica de produção agrícola ou industrial, a maneira de preparar um alimento tradicional...sem que a civilização perca no conjunto de sua

⁷BEIT CHABAD, 2021.

⁸MATTOSO, 1939, citado por ROSA, 2017, p. 27.

⁹BLAY, 2009.



apresentação habitual a sensível vitalidade e fisionomia normais.¹⁰

Mesmo na clandestinidade que forçava a prática da religião nos recônditos dos lares judeus até 1890, a Amazônia foi mãe acolhedora e fértil que permitiu a sobrevivência da fé judaica em situações de assimilação, hibridismo e reinvenção da identidade. Afirma Heller¹¹ em *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia* que,

se a opção de fazer fortuna quase sempre conduziu à assimilação, a forte inclinação em preservar o sentimento de pertinência ao grupo de origem quase sempre resultou na manutenção da identidade ancestral, submetida, agora, à intensos desafios e mudanças.

É precisamente nessa situação de dissonância entre o sentimento de pertinência às suas origens longínquas e a pressão por mudanças que facilitassem os processos de inserção e aceitação do “exótico” em um novo espaço, que retomamos a compreensão da tradução cultural.

2 Tradução cultural e o judaísmo do entre-lugar

O conceito de tradução cultural há muito transita por múltiplos domínios e sua diversificação justifica-se não apenas pela localização espaço-temporal em que emerge, mas também pela essência e arcabouço teóricos do campo que a requisita.

Essa fecundidade do termo, conduz seu entendimento para além das fronteiras disciplinares dos Estudos da Tradução em que, a noção de texto de partida e de chegada permanece um binômio fundamental, um alicerce de onde se ramificam diversificadas teorias das mais canônicas às mais progressistas, das que primam pela fidelidade estrangeirizante às que confrontam as noções de equivalência e adotam atitudes funcionalistas, domesticadoras e desconstrucionistas. Nas duas polaridades, há sempre presente a noção de texto e de uma transposição à encargo do tradutor-mediador mesmo, e principalmente, quando a ênfase na língua-sistema se transfere para os aspectos culturais, extralinguísticos por ela expressos.

Burke e Hsia afirmam que o termo tradução cultural foi originalmente cunhado a partir dos trabalhos de Edward Evan Evans-Pritchard, antropólogo britânico cujo estudos etnográficos foram de substancial contribuição à Antropologia Social.¹² Na percepção de Evans-Pritchard, o ofício do antropólogo é uma tarefa de tradução de valores culturais¹³ posto que ele – o antropólogo – tem como missão, interpretar e

¹⁰ CASCUDO, 1983a, p. 40.

¹¹ HELLER, 2010, p. 153.

¹² BURKE; HSIA, 2009.

¹³ MAZZARIELLO; FERREIRA; STUMPF; KLUCK, 2015.



comunicar uma determinada cultura para outra. Na obra “A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna”, Burke e Hsia tratam das nuances da tradução cultural em perspectiva histórica, religiosa e política e das relações maniqueístas, de poder e controle que envolveram a tradução na Europa moderna. Tratam “do que” deveria ser traduzido, “como” e “para quem” destinavam-se as traduções sem, entretanto, afastarem-se das noções de texto, discurso e da função comunicativa da tradução.

Hurtado Albir, em *Traducción e Traductología*, no capítulo intitulado “La traducción como acto de comunicación”, trata da tradução como comunicação intercultural e aborda os culturemas como desafios maiores do tradutor.¹⁴ A autora discorre sobre as diferenças culturais *inter* e *entre* línguas, as transferências, critérios e técnicas propostos para lidar com os impasses da não equivalência, ressalta o componente ideológico da tradução, sempre tomando como parâmetro as relações intertextuais. Ainda quando aborda a tradução pós-colonial e as suas temáticas de gênero, identidade, poder, hibridismo e política, a autora os insere nas obras literárias, evidenciando seus textos e discursos.

No escopo dos *Estudos da tradução*, a partir da virada cultural,¹⁵ muitos trabalhos que abordam os desafios de transpor culturemas entre diferentes culturas-línguas trouxeram relevantes contribuições ao desenvolvimento da área e abriram um portal para uma nova forma de perceber a tradução como ferramenta de combate e resistência às estruturas de dominação, por sua natureza desconstrucionista. Inicialmente, estes estudos localizavam-se no domínio da literatura comparada, posteriormente disseminaram-se por outros espaços incluindo os textos de especialidade, deslocando os holofotes da tradução para a cultura e seus efeitos impactantes, e assim, corroborando a concebida hipótese “fraca” Sapir-Whorf, que concebe a língua como determinante de uma forma peculiar de ver o mundo e, portanto, indizível em outra língua.¹⁶

A hipótese se respalda no fato da língua-cultura de um indivíduo influenciar a forma deste conceptualizar, memorizar e significar a realidade. Falantes de língua diversas, nessa perspectiva, teriam diferentes percepções dos problemas e forma de resolvê-los. Ainda sob essa ótica, a realidade enfrentada pelos imigrantes que adentram e se inserem em contextos linguístico-culturais bastante distintos dos seus, constitui um desafio cognitivo relevante para além das questões sociais. Nesse aspecto, o próprio indivíduo passa por um processo transformador e tradutório.

Ao tempo em que a virada cultural aproximou os estudos sobre tradução dos estudos culturais, ela os distanciou dos estudos linguísticos e assumiu um viés interdisciplinar

¹⁴ HURTADO ALBIR, 2013.

¹⁵ BASSNET; LEFEVERE, 1998.

¹⁶ SAPIR, 1985.



que evoluiu na pós-modernidade para acentuadamente político como abordaremos no decorrer deste texto.

Para Trivedi, “a especificidade de uma cultura era coextensiva com a especificidade de sua língua”.¹⁷ Esse dilema vem sendo enfrentado com proposições desverbalizantes¹⁸ e desconstrucionistas.¹⁹ Emerge em Bhabha a conceituação pós-colonialista mais referida do termo tradução cultural²⁰ e também bastante polêmica e criticada no âmbito dos Estudos da Tradução em razão de esta perder vínculos com as teorias desenvolvidas no escopo da tradutologia e dos estudos da tradução, criando uma instabilidade conceitual e fragilidade epistemológica dentro destas ambiências.²¹

Pym afirma que a tradução cultural tal como percebida por Bhabha não tem como referência os textos – verbais ou não verbais – tampouco consiste em atividade comunicativa orientada para um objetivo, desta forma distância o conceito do cerne teórico da área da tradução.²² Bhabha, sob outro prisma, sedimenta a sua definição a partir de três espaços de transferência intercultural – o do colonizador, o do colonizado e o espaço de hibridização (favorável à subversão, transgressão, heresia e negociação). Este “terceiro espaço” é inspirador para compreendermos tanto a transição da assimilação imposta aos imigrantes quanto à sua resistência em abdicar dos seus referentes simbólicos e costumes originais. O terceiro espaço sobrepõe-se à noção de entre-lugar – conceito também explorado nos textos de Bhabha – se pensarmos os processos migratórios como eliciadores de um existir entre dimensões distintas sem, entretanto, estar inteiramente em uma ou em outra. O terceiro espaço, no caso do judaísmo imigrante, é outro espaço, que abriga diferentes vivências e experiências religiosas, faz oscilar cidadanias, identidades e consciências políticas ao mesmo tempo em que desconstroem as fronteiras harmonizando a diversidade.

A perspectiva de tradução proposta por Bhabha concilia possibilidades de compreensão dos processos de adaptação cultural motivados pelos movimentos de imigração onde se inserem os judeus nas suas relocalizações e ressignificações pelo mundo.

Buden e Nowotny assentados nas ideias pós-colonialistas que acentuam o caráter político-ideológico da tradução e apropriando-se de princípios de desconstrucionistas de Derrida propõem que:

Etimologicamente, a tradução evoca um ato de movimentação, de transportar de um lugar para outro, ou de alterar um estado

¹⁷ TRIVEDI, 2007; MENDES, 2019, p. 583.

¹⁸ SELESKOVITCH, 1975.

¹⁹ DERRIDA, 2002; RAJAGOPALAN, 2000; BHABHA, 1990.

²⁰ PYM, 2013.

²¹ BHABHA, 2007.

²² PYM, 2013, p. 262.



de coisas para outro. Isto não se aplica apenas às palavras de línguas diferentes, mas também aos seres humanos e suas mais importantes propriedades.²³

A noção de tradução proposta pelos autores é de *transporte* e a concepção de cultura tem estreita relação com a de *política*. Advogam os autores que tanto palavras quanto pessoas transportam-se através de fronteiras e são, portanto, traduzíveis. Torno mais simples essa relação estabelecendo a seguinte equação: culturalmente traduzido = politicamente transportado.

Isso implica dizer que a assimilação de valores, discursos e símbolos de uma determinada cultura por um “forasteiro”, o torna culturalmente traduzido. A partir dessa ótica, podemos identificar a desiderata relação entre o judeu sefardita imigrante na Amazônia e a tradução cultural a si imposta (expressa em assimilações, substituições, adequações as quais extrapolam o nível das ideias). Na culinária, sem *Kashrut*, em vez do alimento *kosher*,²⁴ o ritual de higiene e o consumo dos alimentos não proibidos pela *Halachah*,²⁵ a busca de ingredientes que se assemelhassem no preparo dos pratos típicos – o feijão no lugar da cevadinha; a farinha d’água no lugar do cuscuz. Nas cerimônias religiosas, os frutos doces da Amazônia em Rosh Hoshaná em substituição à tâmara e aos grãos da romã. Nos hábitos de recato da mulher casada, o lenço no lugar da peruca (a *mitzva* de *kissui harosh*).²⁶ Na indumentária masculina, o terno no lugar da túnica. E como essas, tantas outras ressignificações com o propósito de inserção, aceitação e preservação.

3 O dualismo pendular: multiculturalismo e hibridismo na realidade da Amazônia judaica

Buden e Nowotny sugerem um interessante dualismo envolvendo as concepções do *essencialismo* e do *desconstrucionismo*, marcando, respectivamente, a compreensão dos fenômenos: multicultural e hibridismo. Esta bipolaridade que relaciona os conceitos é pendular quando tomamos por objeto o judaísmo imigrado ou “culturalmente traduzido” dos sefarditas.

No contexto selecionado para este estudo, a tensão entre duas forças opostas é nitidamente observável: uma que tende à preservação de uma essência identitária, cultural e religiosa e corrobora o processo de “construção de nação” criando fronteiras definidas de uma *nação dentro de outra nação*, e outra que tende para a permeabilidade (desconstrução) destas fronteiras e o encontro efetivo de culturas, constituindo algo

²³ BURDEN; NOWOTNY, 2009, p. 196 (Tradução nossa).

²⁴ Casher ou *kasher* referem-se a itens comestíveis de acordo com a Torah e processos de preparação que regulam a alimentação considerada adequada pelos judeus.

²⁵ A *Halachah* é a lei judaica que rege a vida cotidiana do judeu.

²⁶ Lei da Torah Segundo a qual as mulheres casadas devem cobrir seus cabelos.



novo e hibridizado em constante movimento – o “terceiro espaço” ou o “entre-lugar”,²⁷ que nem é do colonizador, nem do colonizado e onde as assimetrias entre culturas são negociadas e dissipam-se.

Multiculturalismo essencialista vs. Hibridismo desconstrucionista

A tendência à fidelização ao original que ilustra a relação do judeu – em qualquer lugar e a qualquer tempo – com os preceitos da Torah, encontra paralelo e consonância com a postura estrangeirizante do tradutor em relação ao original. Em contrapartida, no âmbito dos costumes, a tendência à assimilação do novo, às negociações e subversões características do “terceiro espaço” são mais evidenciadas e compatíveis com os princípios de domesticação. Estas duas tendências aparentemente opostas que se traduzem como resistência e permeabilidade fluem para um único lugar, a sobrevivência.

Considerações finais

Este artigo evoca considerações conceituais sobre o significado contido no termo tradução cultural, sob diferentes óticas e momentos históricos, com o objetivo central de estabelecer paralelos entre ele e a realidade do judeu sefardita, imigrante na Amazônia na preservação de seus costumes emanados da religião. Conclui-se que o termo se revela como um aglomerado de várias concepções e essências teóricas, que na perspectiva pós-moderna rompe com vínculos canônicos das teorias da tradução de forma a desconstruí-los na adoção de outra acepção que envolve, ao invés de palavras de uma língua para outra, ou textos de partida e chegada, pessoas em movimento e a ressignificação de seus símbolos.

As nossas reflexões reforçam a ideia de que a deflagração dos movimentos persecutórios na Europa e as diásporas deles originadas resultaram na necessidade de imigrantes sefarditas, ao se estabelecerem em novos espaços culturais, hibridizarem costumes representativos de suas crenças sem, no entanto, abandonarem os princípios da *Halachah* – a lei judaica – tornando-se politicamente transportados [culturalmente traduzidos], mas mantendo-se religiosamente essencialistas.

Retomando as questões direcionadoras iniciais, refletimos sobre o fato de que na concepção proposta por Bhabha e desenvolvida nos estudos de Buden e Nowotny, tradução cultural refere-se à ressignificação da condição política do imigrante na cultura de chegada.

Concebe-se também que a designação de tradução cultural pode ser atribuída a uma gama de situações em que a cultura assume posição central em detrimento de aspectos outros na transposição dos discursos, podendo referir-se ao esforço em encontrar correspondentes aos culturemas – em situações textuais – ou ao serem acentuadas as

²⁷ BHABHA, 2007.



nuances de poder e ideologia implicadas no processo tradutório, tornando com isto, inviável uma definição consensual para o termo.

Isso posto, ressaltamos que ao emprego do termo, faz-se necessária uma contextualização do objeto e de um vasto entendimento de sua envergadura histórica e conceitual para evitar a armadilha de sobrepô-lo, reduzi-lo ou superestimá-lo ao que seria a dimensão cultural da tradução – esta sim, aplicável a toda e qualquer situação de tradução. Quanto à especificidade que traçaria a fronteira demarcadora entre as duas concepções – aspectos culturais da tradução e tradução cultural, afirmamos ser esta, indizível, e assim, intraduzível.

Referências

ALBA, Richard; NEE, Victor. *Remaking the American mainstream: assimilation and contemporary immigration*. Harvard University Press, 2005.

BASSNETT, Susan. LEFEVERE, Andre. The translation Turn in Cultural Studies. In: BASSNETT, Susan. LEFEVERE, Andre. *Constructing cultures. Essays on Literary translation*. Clavedon: Multilingual Matters, 1998.

BEIT CHABAD, 2021. Informações. Disponível em: <http://www.chabad.org.br>. Acesso em: 15 ago. 2021.

BENCHIMOL-BARROS, Silvia. Tradução cultural, religião e costumes judaicos na Amazônia brasileira: essencialismo e hibridismo sefaraditas. In: BENCHIMOL-BARROS, Silvia Helena; SILVA, Alessandra Fabrícia Conde da (org.). *Ecos sefaraditas judeus na Amazônia*. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020. p. 157-169.

BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia*. Manaus: Valer, 1998.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Glaucia Renate Gonçalves, Eliana Lourenço Lima Reis e Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BHABHA, Homi. *The Third Space*. Rutherford, 1990.

BLAY, Eva. Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil. *Tempo Social*, v. 21, n. 2, p. 235-258, 1 jan, 2009.

BUDEN, Noris; NOWOTNY, Stefan; SIMON, Sherry; BERY, Ashok; CRONIN, Michael. Cultural translation: An introduction to the problem, and Responses. *Translation Studies*, v. 2, n. 2, p. 196-219. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14781700902937730>. Acesso em: 7 nov. 2021.

BURKE, Peter; HSIA, Ronnie P. (org.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

CASCUDO, Luís Câmara. *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983a.



DERRIDA, Jaques. *a escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/autor/edward-evan-evans-pritchard>. Acesso em: 7 nov. 2021.

HELLER, Reginaldo. *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2013.

PYM, Anthony. *Teorias contemporâneas da tradução: uma abordagem pedagógica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Pós-modernidade e a tradução como subversão. *Anais do VII Encontro Nacional/I Encontro Internacional de Tradutores*. São Paulo, 2000. Disponível em: www.novomilenio.inf.br/idioma/19980911.htm. Acesso em: 5 jan. 2020.

ROSA, Margareth de Abreu. *Inquisição moderna: os tormentos como meio de prova nos Autos de Devassa da inconfidência mineira*. 2017. 181f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Direito, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-ASNHRK>. Acesso em: 5 jan. 2020.

SAPIR, J. D. Introducing Edward sapir. *Language in Society*, Cambridge: Cambridge University Press, v. 14, n. 3, 1985.

SELESKOVITCH, Danica. *Langage, langues et mémoire: étude de la prise de notes en interprétation consécutive*. Paris: Minard, 1975.

TRIVEDI, Harish. Traduzindo cultura vs. tradução cultural. Tradução de Vicente S. Mendes. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 578-594, set-dez, 2019. Disponível em <http://periodicos.bu.ufsc.br/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

Recebido em: 8/9/2021.

Aprovado em: 30/9/2021.